

ESTRATÉGIAS DE DESCORTESIA LINGUÍSTICA EM COMENTÁRIOS DE CARÁTER POLÍTICO NO *FACEBOOK*

Laura Leonardelli Costa Paulino¹

laurinhalcp@gmail.com

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE (BRASIL)

Maria Eduarda dos Santos Silva

mariaeduardasansil@gmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (BRASIL)

RESUMO. Este trabalho busca observar o gênero comentário na rede social *Facebook* de modo a analisar estratégias linguísticas de descortesia entre os interlocutores quando determinados a debater sobre um tema polêmico. Nesta pesquisa qualitativa, de caráter sociointeracionista, são analisados comentários acerca de uma notícia publicada por duas páginas de ideologias divergentes: *O Globo* e *CartaCapital*. Dentre os teóricos que embasam este trabalho estão Amossy (2011, 2017), Goffman ((1967) 2011), Kerbrat-Orecchioni ((1996) 2006), Cabral & Lima (2016), Silva (2013), entre outros. Os resultados apontam para a polarização como fator impeditivo para que os interlocutores cheguem a um consenso quanto ao debate posto.

PALAVRAS-CHAVE. Descortesia, Sociolinguística Interacional, *Facebook*.

ABSTRACT. This article aims to observe the genre commentary on social media *Facebook* in order to analyze linguistics strategies of discourtesy between the interlocutors when determined to debate about a polemic topic. In this qualitative research, of sociointeracionist bias, commentaries about published news are being analyzed in two pages with divergent ideologies: *O Globo* and *CartaCapital*. Among the scholars who underlie this paper are Amossy (2011, 2017), Goffman ((1967) 2011), Kerbrat-Orecchioni ((1996) 2006), Cabral & Lima (2016), Silva (2013), among others. The results show the effect of polarization as an obstacle for the interlocutors to get into an agreement between the debate that has been brought.

KEYWORDS. Discourtesy, Interactional Sociolinguistics, Facebook.

¹ À data da escrita do artigo, ambas as autoras frequentavam o 3.º ano da Licenciatura em Ciências da Linguagem, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

1. Introdução

Os comentários em postagens nas redes sociais funcionam, muitas vezes, como uma extensão da própria publicação, contudo, abrangendo mais do que apenas o par autor-notícia e atingindo um terceiro elemento da interação: o leitor. Quando ocorre a participação deste último elemento, considera-se que a publicação atingiu os níveis desejados de interação e engajamento, de forma a mobilizar os interlocutores. Defende-se, nesta perspectiva, que, tratando-se de um fenômeno textual ligado à *internet*, o texto produzido pelo leitor é a forma mais profunda de engajamento, revelando que a leitura do texto base foi realizada e indicando uma posição de discordância ou concordância com as ideias desse.

Acerca dos gêneros textuais, de acordo com Marcuschi (2003: 19), esses “surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas”. Considerando isso, tem-se a importância da análise de gêneros textuais em outras plataformas que não as mais tradicionais. Nessa perspectiva, defendemos que, por vezes, o advento desses novos gêneros acaba por solicitar novas perspectivas e compreensões, como é o caso da noção de *hipertexto*, definida por Xavier (2002: 29) como “o espaço virtual inédito e exclusivo no qual tem lugar um modo digital de enunciar e construir sentido”. Na plataforma *Facebook*, por exemplo, lugar de recolha do *corpus* analisado neste artigo, é possível encontrar diversos hipertextos, como notícias, *posts*, comentários, entre outros.

Neste trabalho, voltamos-nos especificamente para o gênero (hiper)textual² comentário em redes sociais, abordado como *corpus* para análise do fenômeno da descortesia entre usuários do *Facebook*, a partir de publicações de duas páginas de veículos midiáticos brasileiros divergentes no que tange ao posicionamento político. Dentre os objetivos deste trabalho, encontra-se, de forma geral, a análise e a verificação dos fenômenos de descortesia em comentários de *posts* do *Facebook*. Concomitantemente, cabe observar de que forma a descortesia se manifesta em argumentações nos comentários, observando as estratégias linguísticas utilizadas pelos usuários para que o fenômeno ocorra nesse ambiente polêmico.

O tema em questão é de suma importância visto que as conversações face a face estão sendo paulatinamente substituídas pelas interações virtuais, como defendem Cabral & Lima (2016), e é imprescindível que se desenvolvam análises a fim de compreender, pelo aspecto linguístico, como são realizadas. Ademais, pontuamos o interesse em analisar de que forma os

² Trazemos em parênteses a expressão *hiper* por coerência ao tratamento do gênero comentário dado por Bertucci & Nunes (2016: 315), que abrangem os *posts* como hipertextos e o comentário como gênero. Cabe aqui a classificação avançada pelas autoras no sentido estrito do gênero comentário nas plataformas de redes sociais.

usuários de rede social se manifestam em publicações favoráveis ou contrárias aos seus posicionamentos ideológicos, crenças e saberes, de modo a evidenciar a polêmica instaurada nesses espaços e analisar as construções argumentativas dos participantes quando esses agridem a imagem do interlocutor ou têm a sua imagem atacada, seja direta ou indiretamente.

A partir de pesquisas antecedentes, defende-se, portanto, que as redes sociais são ambientes polêmicos e que tais comentários se encaixam na teoria da conversacionalização, a qual discorre que assuntos mais delicados são banalizados como conversas comuns, tendo em vista o ambiente informal da rede social. Ambos os conceitos são pontos encontrados na teoria de Amossy (2011, 2017), na qual nos embasamos. Dentre outros teóricos que antecedem e embasam este estudo, estão: Lopes (2018) e Leech (1983), com o conceito de cortesia; Goffman ((1967) 2011), que nos traz a noção de face; Brown & Levison (*apud* Kerbrat-Orecchioni (1996) 2006), os quais ampliam as proposições de Goffman e apontam para a noção de face positiva e face negativa, bem como para o conceito de *face threatening acts* (FTAs); Kerbrat-Orecchioni ((1996) 2006), que aprofunda a teoria dos autores anteriormente citados e apresenta o conceito de *face flattering acts* (FFAs); Silva (2013) e a sua reflexão acerca do fenômeno estudado neste trabalho, a descortesia; e, por fim, Cabral & Lima (2016), que discorrem a respeito da polêmica e da violência verbal em redes sociais.

No que tange à metodologia, foram selecionados comentários de *posts* sobre a libertação do ex-presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, no dia 8 de novembro de 2019. Os *posts* são de duas páginas do *Facebook*, o jornal *O Globo* e a revista *CartaCapital*, dois veículos midiáticos de grande circulação no país, os quais apresentam posições ideológicas divergentes, mas que comumente abordam os mesmos assuntos. Para a coleta de dados, fez-se uso do método qualitativo, de cunho sociointeracionista, a partir da técnica de recolha documental. Dessa forma, dois veículos de mídia opostos foram escolhidos, tendo em vista suas posições antagonistas e a possibilidade de análise de dois tipos de público e das formas como esses desenvolvem a descortesia.

2. Enquadramento teórico e conceitual

Nas trocas discursivas, defendemos que os sujeitos interagem tendo em vista algumas regras sociais e linguísticas que visam o respeito, a cooperação entre os indivíduos e a preservação da harmonia na conversação. Esse posicionamento é o que caracteriza o princípio da cortesia, o qual, segundo Lopes (2018: 199), “faz parte de um conhecimento de senso comum ancorado na experiência social dos membros de uma comunidade”. O termo compreende, portanto, as ações discursivas que visam buscar, inicialmente, e preservar a

harmonia da interação. Para Leech (1983), em um âmbito geral, o princípio propõe que se minimize os custos e a censura ao outro e se maximize os benefícios e os elogios.

Segundo Kerbrat-Orecchioni ((1996) 2006), na interação, desenvolvemos o trabalho de tentar constantemente nos preservar e preservar o nosso interlocutor, tendo em vista que as nossas práticas linguísticas são respaldadas por convenções sociais de respeito mútuo e cooperação discursiva. Assim, estaríamos a princípio buscando atenuar ou amenizar o caráter ameaçador dos nossos atos linguísticos, realizando *face want* e *face work*, ou seja, respetivamente, o desejo de preservar as faces e “as ações tomadas por uma pessoa para tornar o que quer que esteja fazendo consistente com a fachada” (Goffman (1967) 2011: 20).

Nessa perspectiva, compreende-se que os sujeitos envolvidos na interação buscam cooperar para que essa se desenvolva, de forma a não agredir a imagem alheia, agindo dentro do espectro da cortesia. Conforme propõe Goffman ((1967) 2011: 12), interagir é saber gerenciar adequadamente as faces dos participantes, conceito o qual, segundo o autor, se refere a “uma imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados”.

O trabalho desse pesquisador tem grande importância no cenário da pragmática linguística e da análise das conversações, colaborando com o avanço das pesquisas em Sociolinguística Interacional. Suas pesquisas são aprimoradas *a posteriori* por Brown & Levinson (*apud* Kerbrat-Orecchioni (1996) 2006), os quais, por sua vez, advogam que, na interação, estão postas quatro faces e não apenas duas, como propunha Goffman ((1967) 2011). Destarte, para Brown & Levinson (*apud* Kerbrat-Orecchioni (1996) 2006), cada sujeito possui duas faces, sendo uma delas a face positiva e a outra, a face negativa. A face positiva diz respeito a uma valorização que o indivíduo promove na interação da sua própria imagem, correspondendo, em alguma medida, a uma necessidade de ser aceito pela coletividade, enquanto a face negativa se refere, segundo Kerbrat-Orecchioni ((1996) 2006), à necessidade que o sujeito tem de ser independente e livre, tendo seu espaço individual resguardado dos demais.

Diante do que foi exposto, reiteramos a ideia de que os sujeitos, nas interações verbais, procuram preservar as faces. Contudo, Brown & Levinson (*apud* Kerbrat-Orecchioni (1996) 2006) defendem que os atos verbais e não verbais produzidos pelos indivíduos podem se opor a esse princípio cooperativo e ao princípio da cortesia. Na perspectiva teórica erigida pelos autores, esses atos constituem verdadeiras ameaças às faces do interlocutor, o que embasa o conceito *face threatening acts (FTAs)*. Em contrapartida, Kerbrat-Orecchioni ((1996) 2006) assevera que essa teoria tem uma visão pessimista sobre as interações dos indivíduos, por definir todos os atos como ameaçadores da face do interlocutor. Dessa forma,

como um aprimoramento da teoria, a autora propõe pensarmos que “alguns atos de fala também podem ser valorizantes para essas mesmas faces” (Kerbrat-Orecchioni (1996) 2006: 82), são os *face flattering acts* (FFAs).

Mesmo considerando a posição da autora, afastar-nos-emos dos FFAs, focalizando os FTAs, pois corroboramos a ideia de Goffman ((1967) 2011: 161) de que, apesar de o indivíduo se comprometer em manter a harmonia da conversação, “a manutenção dessa ordem, seja durante o tempo livre ou o ocupado, é mais problemática do que pode parecer à primeira vista”. Assim, nas redes sociais - objeto de análise deste trabalho -, dependendo do conteúdo publicado, as interações decorrentes desse espaço podem desencadear diversas agressões às faces do outro, a fim de expor a tomada de posição de quem produz os atos ameaçadores e marcar a pertença em determinado grupo (Cabral & Lima 2017).

Destarte, outro conceito pertinente é o de descortesia, o qual designa os casos em que não ocorre a mitigação ou a atenuação dos atos ilocutórios ameaçadores da face, e sim uma violação do princípio da cortesia. Para Silva (2013: 102), a descortesia define-se, portanto, como “uma violação dos rituais da conversação em que estão em jogo os direitos e obrigações que os interlocutores respeitam mutuamente”. Isso, pois nem sempre o objetivo do falante é ser cortês e preservar a face do receptor; por vezes, o sujeito age de maneira intencional, infringindo propositalmente o princípio da cooperação e o da cortesia.

Na complexa situação interativa presente nos comentários de redes sociais, os participantes buscam construir uma imagem positiva de si ao passo que atacam a imagem do outro, alimentando a ideia de que ganham a discussão rebaixando a crença alheia e angariando mais curtidas dos demais usuários. Como defende Cabral & Lima (2016), as interações nesses novos espaços virtuais são sobretudo conflituosas, ou, de acordo com a perspectiva teórica de Amossy (2017), polêmicas. Conforme Amossy (2017), a polêmica se instaura na oposição de discursos, em que se apresenta um conflito de posições e pontos de vista, sendo a natureza antagônica, dessa forma, ponto fulcral para a instauração da polêmica. Ademais, é válido ressaltar que a polêmica se insere no espaço da atualidade e se molda a cada cultura, haja vista o que é polêmico para uma dada sociedade em um determinado momento pode não o ser para outra sociedade ou em outro período. Assim, Amossy (2017: 49) defende que o discurso polêmico “é, portanto, um debate em torno de uma questão de atualidade, de interesse público, que comporta os anseios das sociedades mais ou menos importantes numa dada cultura”.

Isso posto, advogamos que, perante a polêmica, os sujeitos da interação permitem-se com maior frequência utilizar a descortesia nos seus discursos, a fim de fazê-la uma estratégia

para refutar e deslegitimar o outro, tido como adversário. Contudo, pontuamos que a polêmica não gera necessariamente a violência verbal, apesar de estarem em diversos casos relacionadas. Isso porque aquela consiste numa “ancoragem conflitual, que se traduz pela dicotomização, pela polarização e pela desqualificação do outro - e, apenas de forma secundária, pela violência verbal e pelo *pathos*” (Amossy 2017: 52). Assim, a violência verbal (ou a descortesia) está abrangida pela polêmica, mas sem ser consequência direta e imediata dessa.

3. Metodologia

A presente pesquisa apresenta caráter qualitativo, haja vista o propósito de analisar como os atos descorteses são realizados em redes sociais. Para tal, debruçamo-nos sobre o gênero textual comentário, cujos exemplos foram extraídos da plataforma *Facebook*, um dos principais meios de comunicação e interação da atualidade. Na rede social, selecionamos dois *posts*, um publicado na página do jornal *O Globo* e outro publicado na página da revista *CartaCapital*, veículos midiáticos de posicionamentos ideológicos distintos e que, conseqüentemente, atraem grupos, em sua maior parte, distintos. Essa escolha se deu a fim de que pudéssemos observar um público mais amplo de usuários, com opiniões antagônicas sobre um mesmo conteúdo, pondo em voga, assim, uma polêmica instaurada, como teoriza Amossy (2017).

O *corpus* analisado foi composto por 9 sequências conversacionais, as quais abrangem comentários e respostas, sendo 5 sequências extraídas da página do *O Globo* e 4 sequências da página da *CartaCapital*. As sequências foram selecionadas a partir da indicação de “comentários mais relevantes” da própria rede social, ou seja, aqueles que tiveram maior interação (em reações e/ou em respostas). Dentre esses, extraímos as sequências cujos posicionamentos dos usuários expõem maior confronto de discursos. Ao todo, foram analisados 140 comentários realizados em duas publicações sobre a libertação do ex-presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, no dia 8 de novembro de 2019.

4. Resultados e discussão

Passamos, neste momento, à análise dos comentários no *Facebook*, tomando como base os atos linguísticos que ameaçam a face positiva do receptor, os quais, segundo Kerbrat-Orecchioni (2006: 79), “são todos aqueles que colocam em risco o narcisismo do

outro, como a crítica, a refutação, a reprovação, o insulto e a injúria, a chacota e o sarcasmo”³. Frisamos ainda nosso alinhamento à proposta teórica de Culpeper (1996 *apud* Silva 2013) sobre os tipos de descortesia. Segundo o autor, esses são: 1) descortesia direta, quando a ameaça é feita de forma direta; 2) descortesia positiva, quando se agride a face positiva do interlocutor; 3) descortesia negativa, quando se agride a face negativa; 4) descortesia dissimulada, referente aos atos a princípio corteses, mas que não o são e 5) não-cortesia, a ausência de cortesia em situações comunicativas nas quais ela seria esperada.

Destarte, conduzimos uma análise de maneira similar a Silva (2013) em seu estudo sobre a descortesia em debates políticos, observando que estratégias linguísticas são utilizadas pelos participantes para desqualificar a imagem do outro, as quais, segundo o autor, são comuns em interações conflituosas. Assim, analisamos a seguir o emprego “de fórmulas que busquem mostrar a fragilidade do oponente” (Silva 2013: 108), tais como *dizer que o outro não compreende o conteúdo das publicações*, *dizer que o outro é e/ou defende corruptos*, *dizer que o outro é alienado*, entre outras. Ademais, pontuamos que muitos comentários se encaixam em diversas categorias de análise, mas foram categorizados por questões organizacionais.

4.1. Insultar o outro pelo seu posicionamento ideológico

Após as eleições de 2018, tornou-se mais recorrente o fato de os usuários da rede social analisada postarem assuntos relacionados à política. Nos *posts* analisados, como pontuamos anteriormente, temos a notícia da libertação do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, causando na sociedade brasileira reações opostas, ora de repulsa ora de comemoração, por parte de usuários com ideologias divergentes. O comentário veiculado abaixo, extraído de uma publicação da página do jornal *O Globo* e produzido por JA⁴, suscitou muitas interações, como veremos durante esta análise.

Exemplo 1 [G1⁵]

³ Optamos por não aprofundar nessa distinção, visto que utilizamos os estudos de Kerbrat-Orecchioni (2006) como base teórica, trazendo esses atos como exemplos que a própria autora pontua, mas desenvolvemos nossas análises a partir da metodologia proposta por Silva (2013), buscando compreender especialmente a forma de desenvolvimento dos atos ameaçadores da face no contexto das redes sociais.

⁴ A fim de não expor os usuários e de organizar a apresentação dos comentários, optamos pela utilização de iniciais em substituição do nome original dos perfis.

⁵ As letras referem-se à página responsável pela publicação na qual a sequência foi realizada, em que G se refere ao jornal *O Globo* e C, à revista *CartaCapital*. Os números condizem com a ordem de apresentação das sequências.

JA: Parabéns ao STF. Uma esperança para democracia

No comentário a seguir, realizado na cadeia de respostas do comentário anterior, o usuário FB afirma que a decisão do STF tem como objetivo favorecer, também, os milicianos, que a esquerda muito critica por ser, segundo essa, um grupo próximo ao governo atual.

Exemplo 2 [G1]

FB: TG, Só lembrando que milicianos de quem tanto falam os petistas serão beneficiados também kkk

Em seu comentário, o interlocutor FB refere-se aos apoiadores de Lula como “petistas”, nome derivado da sigla do PT - Partido dos Trabalhadores, ao qual o ex-presidente é ligado. A resposta é dada ao comentário inicial do interlocutor JA. No comentário seguinte, podemos analisar mais um interlocutor (AS) a criticar o posicionamento de um usuário de esquerda, quando EN qualifica a saída do ex-presidente como “linda”. AS, por sua vez, contraria a qualificação ao chamar o ex-presidente de bandido, criticando o comentário de EN e justificando o fato de “esquerdista” não ter credibilidade a partir dele.

Exemplo 3 [C2]

EN: Parabéns Lula até quem fim muito lindo sua saída

AS: EN linda a saída de um bandido por isso que vcs esquerdistas não são levados a sério rrsrs

Em contrapartida, no comentário do interlocutor JA a seguir, ainda dessa cadeia de respostas, podemos identificar a associação que é feita entre a direita e os milicianos, de forma que o interlocutor ataca a face positiva daqueles que se identificam com a ideologia de direita ao afirmar que alguns políticos pertencentes a tal grupo possuem ligação com a milícia. Isso, pois não é esperado que um representante do povo se relacione com um grupo responsável por comandar organizações criminosas nas comunidades brasileiras, ou seja, um grupo que se estabelece contrário ao povo. Assim, ao apontar essa relação entre o governo e a milícia, o interlocutor agride não só estes políticos, como também aqueles que acreditam neles e os defendem.

Exemplo 4 [G1]

JA: Vcs tem tempo para se educarem. Aproveitm se não continuarão os burros de sempre . A democracia e o humanismo agradecem. Antes que eu esqueça vcs adorambmilicianos e assassinos. Danem se

No comentário acima, o interlocutor JA se defende das acusações a sua face, visto que os comentários de FB e de outros interlocutores foram feitos em resposta ao de JA - que vimos no exemplo 1 -, invocando o nome da democracia e do humanismo, enquanto critica os outros envolvidos acusando-os de adorar milicianos e assassinos. Tal alegação se constitui como descortesia e ataque à face do grupo de direita, já que o interlocutor se utiliza de insultos que atacam pessoalmente os interlocutores de ideologia contrária (“aproveitm se não continuarão os burros de sempre”) e complementa o ataque a esse grupo específico - o de ideologia de direita, personificados nos comentários pelos interlocutores AS e FB -, quando se refere a eles como adoradores de milicianos e assassinos.

É notório, pela leitura desses exemplos, que o fenômeno analisado, o da descortesia, configura-se como uma relação entre questões linguísticas e sociopolíticas, promovendo ainda a ocorrência de um ambiente polêmico. A polarização, de acordo com Amossy (2017), é, resumidamente, um fenômeno social de divisão de grupos identitários. Na análise em questão, temos a divisão entre usuários identificados com a ideologia da esquerda e opositores, geralmente, defensores do atual governo brasileiro de direita. Os atos linguísticos ameaçadores de face, nos exemplos abordados, são feitos de forma direta, os quais, de acordo com Culpeper (1996 *apud* Silva 2013), ferem a face do interlocutor sem a preocupação de atenuar quaisquer efeitos que tal descortesia possa causar. Esses ataques estão materializados em forma de insultos, como chamar o interlocutor de ‘burro’, mas ainda na ação de mostrar, como fez o interlocutor FB, que certo discurso poderia se contradizer; e até mesmo de vincular um grupo a crimes, como fez o interlocutor JA.

De toda forma, a polarização é notória e está presente no discurso dos interlocutores FB e AS a partir do momento em que são utilizados termos como “vcs petistas” e “vcs adorambmilicianos e assassinos”. Tais termos utilizados para se referir ao grupo de ideologia contrária demonstram que os interlocutores tomam partido na discussão, estando visível o fenômeno social de polarização materializado no discurso dos interlocutores. Destarte, ao tomar partido, tais sujeitos deixam-se tomar pelas emoções e protagonizam ações de descortesia e de violência verbal.

4.2. Dizer que o outro não é inteligente

Como discorremos no enquadramento teórico, a face positiva, conforme Brown & Levinson (*apud* Kerbrat-Orecchioni (1996) 2006), diz respeito a uma tentativa de o indivíduo expor uma imagem que seja condizente com o que a sociedade espera. Em comentários de publicações na rede social *Facebook*, essa imagem diz respeito à crença de que o sujeito autor do comentário tenha domínio acerca do que está sendo dito. Assim, ao acusar o outro, afirmando que esse não é inteligente, seja por não compreender o *post* ou o assunto abordado, agride-se a imagem desse outro ao mesmo tempo que se desqualifica o seu comentário. Isso, pois um comentário advindo de alguém que não tenha conhecimento sobre o conteúdo é considerado irrelevante ou inferior. É o que podemos observar no exemplo abaixo, extraído de uma conversa no *post* da *CartaCapital*.

Exemplo 5 [C2]

IO: O homem mais honesto do Brasil, teve que mudar a lei, pq os 7 excelentes advogados não conseguiram solta-lo....kkkk só no Brasil mesmo.

AB: IO que lei que mudaram??? Kkkkkkkkkkkkk bolsominions realmente não gostam de estudar kkkkkkkkkkkkk

Nesse trecho, podemos perceber que IO expressa a sua opinião acerca da soltura do ex-presidente Lula, posicionando-se de forma contrária a esse fato e afirmando que o ex-presidente teve que mudar a lei para poder ser solto. O comentário de IO gera uma resposta de AB, em que esse acredita que o comentário não traz informações verdadeiras, mas, no lugar de contra-argumentar, limita-se a dizer que “bolsominions⁶ realmente não gostam de estudar”. Através do seu comentário, AB agride indiretamente IO, porque não se dirige à sua pessoa na realização do ato ameaçador, contudo, por meio do princípio da cooperação, somos levados a acreditar que a resposta de AB é relevante para a conversa, de forma que ele estaria incluindo IO no grupo dos “bolsominions”. Consequentemente, ao ser incluída nesse grupo, IO é caracterizada como uma pessoa que não estuda, ou seja, que não tem domínio do conteúdo e produziu um comentário o qual AB desqualifica. Ainda nessa sequência de comentários, em seguida, podemos ler uma resposta diferente da analisada:

Exemplo 6 [C3]

⁶ Neologismo de teor negativo cunhado por um grupo social mais à esquerda para designar os apoiadores do atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, e que faz referência aos “minions” do filme “Despicable Me”.

MA: IO deixa de ser burra, mulher... não mudou a lei, apenas se respeitou a lei maior que é a Constituição Federal , mas não será eu que vou te dar aula sobre a Carta Magna... sem paciência. Chora que assim como o choro o Lula também é livre.

Apesar de MA também não argumentar com mais vigor acerca da incorreção do comentário de IO, dizendo que não dará “aula sobre a Carta Magna”, essa resposta é distinta da anterior porque desenvolve uma estratégia de descortesia direta, e afeta de forma objetiva IO, de acordo com o que propõe Culpeper (1996 *apud* Silva 2013). Quando MA escreve “deixa de ser burra”, ela está, de maneira clara e objetiva, se dirigindo à autora do comentário anterior, utilizando o termo “burra” para caracterizá-la como não inteligente e realizando um ato ameaçador. Destarte, MA realiza um ato cuja função principal nesse contexto comunicativo é revelar a sua crença de que IO é incapaz de compreender o conteúdo do *post*.

Em outra sequência, esta extraída da publicação do jornal *O Globo*, observamos também a estratégia de negar a inteligência do outro, acusando-o de “burro” e indicando que esse não estuda, como nos exemplos anteriores.

Exemplo 7 [G2]

LC: A alma mais honesta do país precisou mudar a lei já que não consegue provar sua inocência, que coisa não...

LP: LC mudar a lei kkkkkkkk burro pra caralho hein. A constituição não foi mudada, foi obedecida

LC: LP Então 5 ministros votaram contra a constituição? Seu animaaalll Kkkkkkk

NF: LC , a lei não mudou! Quem forçou a barra com o Supremo foi o Moro, em 2016! Vá estudar à Constituição!!!

Essa ocorrência nos comentários de ambas as publicações observadas nos mostra como a agressão por meio do descrédito à capacidade cognitiva do outro é constantemente utilizada em discussões nas redes sociais. Defendemos que isso ocorre porque faz com que qualquer argumento do outro seja desqualificado, visto que ele não seria inteligente o suficiente para ter seus comentários considerados. Ademais, outro aspecto a ser pontuado nos exemplos é a animalização do outro, pela utilização de “burro” ou do próprio termo “animal”, como no comentário de LC na sequência acima. Essas expressões buscam reduzir as características humanas do outro, principalmente a racionalidade, igualando-o aos animais.

4.3. Dizer que o outro é e/ou defende corruptos

Um dos ataques à face mais comuns, quando se trata de assuntos políticos, é o de afirmar que os envolvidos são ou defendem corruptos. No comentário de EC, veiculado abaixo, podemos observar um ato de descortesia contra JA - visto no exemplo 1 -, sobre a premissa de que, se JA defende políticos tidos como corruptos (ademais de ladrões, chefes de quadrilha e assassinos) por EC, isso faz com que ele e a sua família se igualem a esses, o que constitui um ataque direto de desqualificação do outro, agredindo a sua face positiva.

Exemplo 8 [G1]

EC: JA gosta de corrupção Ladrões chefes de quadrilha assassinos sua família deve ser igual

LC disserta, por sua vez, quanto à corrupção em um dos maiores órgãos de poder do país, alegando que, por julgar diversas vezes o mesmo caso como prioridade, há corrupção evidente.

Exemplo 9 [G2]

LC: A corrupção no judiciário é aquela em que um cara recorre 300 vezes pra maior corte do país que tira o dia pra julgar o caso dele quantas vezes forem necessárias. Existe sim corrupção no STF, eles mesmos envolvidos com o narcotraficante de 9 dedos.

O motivo dado por LC para alegar a corrupção no judiciário é o de que o órgão estaria envolvido com o “narcotraficante de 9 dedos”, termo utilizado para se referir ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Há, portanto, uma crítica direta ao ex-presidente, através do insulto a ele, alegando ligação criminosa, e ao sistema judiciário, desqualificando-o, quando alega ligação do órgão à corrupção.

4.4. Dizer que o outro é alienado

Outra estratégia de descortesia utilizada pelos usuários do *Facebook* nas publicações se refere a dizer que o outro é alienado, no sentido de que é enganado por políticos e não se apercebe disso. Essa estratégia se aproxima da exposta em 4.2., porque também animaliza o outro e ataca a sua capacidade cognitiva na ação de discernir sobre qual político apoiar e de perceber quando estiver sendo enganado por esse. A resposta de TG abaixo exemplifica bem essa questão, pois, apesar de ser de forma indireta, ele afirma que FB é alienado, ou seja, deixa-se coordenar por determinados políticos:

Exemplo 10 [G1]

JA: Parabéns ao STF. Uma esperança para democracia

FB: as antas ficam comemorando essa decisão do STF.. Isso só vai servir para bandido de colarinho branco, que tem dinheiro para recorrer infinitas vezes para não ser preso. Ladrão de galinha como estes eleitores do Haddad vai pra cadeia na primeira instância kkkkk

TG: FB e os gados muuuuuuuuuu! 🐮

Ao escrever “e os gados muuuuuuuuuu” em resposta ao comentário de FB, TG está, na verdade, caracterizando esse outro como gado. A expressão, no contexto político brasileiro da atualidade, passou a ser utilizada no sentido pejorativo para designar os eleitores de um dado político, tidos como desinformados e apoiadores incondicionais. “Gado”, portanto, animaliza os eleitores, retirando deles a sua natureza racional. Destarte, por meio do seu comentário, TG insulta FB, invalidando o seu dizer contrário aos eleitores do candidato à presidência do Brasil nas eleições de 2018 pelo Partido dos Trabalhadores, Fernando Haddad, e à libertação do ex-presidente Lula. Isso porque, sendo um eleitor alienado, FB não teria condições de argumentar acerca da decisão do Supremo Tribunal Federal (STF).

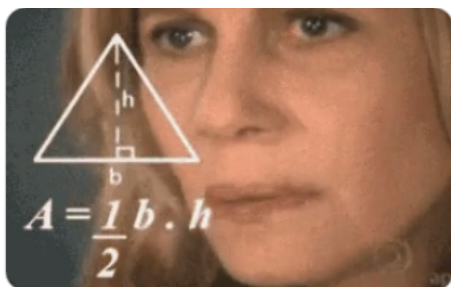
4.5. Estratégias multimodais

Ainda no exemplo 10, apresentado acima, é mister destacar outro elemento do comentário de TG que colabora para a realização do seu ato ameaçador da face do interlocutor: o *emoji*. Podemos notar, ao final da frase “e os gados muuuuuuuuuu”, que o autor do comentário faz uso da figura de um boi para simbolizar e enfatizar o que está posto verbalmente. Com as redes sociais, percebemos que a forma de interação entre os indivíduos foi modificada, principalmente no que diz respeito à forma de escrita, que ganhou novos contornos, adotando cada vez mais elementos de outras semioses para além da verbal.

Nessa perspectiva, “o sistema linguístico é apenas um dos modos de constituição dos textos que materializam nossas ações sociais” (Dionísio & Vasconcelos 2013: 19), o que significa que combinamos semioses diversas para construir nossos textos e dar-lhes significado. A partir disso, advém a noção de multimodalidade, a qual se refere justamente à combinação de diversos recursos semióticos - tais como imagem, escrita verbal, cor, som, gesto, movimento, entre outros - na elaboração do sentido de um texto (Dionísio & Vasconcelos 2013).

Exemplo 12 [G2]

MR: Como deve estar a cabeça do LC com esse comentário do LP hehehe



Um exemplo da combinação de modos para a construção de significado no texto pode ser visto no comentário acima, produzido por MR e referente ao diálogo empreendido entre LC e LP, apresentado no ponto 4.2., no exemplo 7. MR, em sua resposta, faz uso do recurso linguístico e do recurso imagético para ridicularizar LC, o qual não teria sido capaz de compreender sozinho o fato em questão. Na imagem, há uma personagem de uma novela brasileira, “Senhora do Destino”, com uma expressão confusa e, sobreposta a essa, uma fórmula matemática. Esse meme se tornou popular nas redes sociais, sendo utilizado para expressar incompreensão.

Destarte, só podemos construir um sentido mais completo para o comentário a partir da análise desse texto como um todo, em seus aspectos verbais e não-verbais. Assim, a resposta de MR não poderia ser compreendida em todas as suas possibilidades semânticas se observássemos apenas a partir do prisma verbal ou do prisma não-verbal, visto que esses se complementam.

4.6. Descortesia dissimulada

A descortesia dissimulada se dá por meio de expressões que são, aparentemente, corteses, mas se desenvolvem por meio da ironia e sarcasmo. Vejamos, nos exemplos a seguir, argumentos que se utilizam da mesma estratégia linguística de descortesia, contudo para produzir um ataque à face do outro:

Exemplo 13 [G3]

GM: LP Para o homem mais honesto deste país, com DEZENAS de advogados, foi mais fácil mudar a lei, do que provar sua inocência. Vai pra casa, mas nao foi inocentado, continua com duas condenações nas costas kkk

Exemplo 14 [G2]

LC: A alma mais honesta do país precisou mudar a lei já que não consegue provar sua inocência, que coisa não...

É notório que o comentário produzido por GM se constitui como um exemplo de descortesia dissimulada, porque se utiliza da ironia para definir o ex-presidente Luiz Inácio como “o homem mais honesto deste país”, visto que, para o usuário, a sua própria afirmação não faria sentido quando o ex-presidente teria a seu dispor dezenas de advogados e esses não foram capazes de provar a inocência sem que houvesse “mudança” na lei.

No comentário de LC, temos um processo semelhante, em que é evidente o uso do sarcasmo ao definir o ex-presidente como “a alma mais honesta do país”. O uso da figura de linguagem fica mais evidente no fim do comentário de LC, em que esse utiliza a expressão “que coisa não” para reforçar o sarcasmo. O fato de ser necessário “mudar a lei” para que a inocência do ex-presidente fosse comprovada é algo que põe em debate a expressão “alma mais honesta do país”, visto que, se verdadeira, não seria necessária mudança alguma para que se comprovasse a inocência.

No comentário abaixo, também podemos perceber a questão abordada neste tópico, da descortesia dissimulada:

Exemplo 15 [G1]

LS: Sim. Parabéns. Democracia para os bandidos.

O comentário de LS refere-se ao primeiro comentário analisado na seção 4.1., que parabenizava o STF pela decisão, que, para JA (autor do comentário que gerou a cadeia da qual o comentário de LS foi extraído), representa uma esperança para a democracia. No entanto, é possível perceber que, para LS, a democracia em questão serve apenas para os bandidos, o que representa um ataque dissimulado à face positiva do ex-presidente. Compreendemos que a democracia seja um sistema que beneficia igualmente a todos os cidadãos e, dessa forma, podemos interpretar o comentário de LS como irônico, pelo fato de que a democracia por ele referida seria benéfica somente a um grupo restrito, e não para todos, ironizando o conceito real do termo.

5. Considerações finais

As interações nas redes sociais tendem a ser polêmicas, ainda mais quando abordam um assunto tão polarizado quanto a política. Definida como uma modalidade argumentativa

que intermeia os discursos, a polêmica se constitui a partir do princípio de “trazer argumentos em favor de sua tese e contra a tese adversa que constrói a fala polêmica” (Amossy 2017: 49). Ao contrário da discussão, em que, ainda de acordo com Amossy (2017), os envolvidos buscam um consenso entre as partes a fim de alcançar uma decisão ou uma verdade unânime, no debate, os interlocutores se detêm na defesa da própria tese, dando importância à tese opositora somente para desvalorizá-la ou refutá-la.

No *corpus*, a descortesia teve papel majoritário nas estratégias linguísticas adotadas pelos interlocutores. Foi possível perceber que a construção de uma justificativa lógica para os posicionamentos cedeu lugar a ataques diretos ou indiretos aos outros usuários da rede, de forma que a desvalorização do outro superou as tentativas de argumentar e convencer. Isso se dá pelo fato de que, segundo Amossy (2017), a linha que separa os debatedores é nítida, pois é vinculada à defesa de determinado candidato político.

Por fim, dentre os elementos analisados é possível observar um ritmo semelhante ao da conversação, visto que “a subjectivação assim definida está em parte ligada a uma troca que, apesar de escrita e assíncrona, se assemelha a uma conversa oral onde ela constrói um lugar de debate público” (Amossy 2011: 322). Contudo, vale ressaltar que, apesar do caráter conversacional dos comentários e da sua constante interação de usuário para usuário, uma resolução comum dos debates não seria possível, já que a dicotomização das ideologias políticas impossibilita aos usuários chegar a um consenso, levando-os apenas ao ataque à face do outro como forma de desmoralizar seu discurso.

Referências

- Amossy, R. 2017. Apologia da polêmica. São Paulo: Contexto.
- Amossy, R. 2011. O intercâmbio polêmico em fóruns de discussão online: o exemplo dos debates sobre as opções de ações e bônus no jornal Libération. Comunicação e Sociedade 19: 319-335.
- Bertucci, R.; Nunes, P. 2017. Interação em rede social: das reações às características do gênero comentário. Domínios de Linguagem 11(2): 313-338.
- Cabral, A. L. T.; Lima, N. V. 2017. Argumentação e polêmica nas redes sociais: o papel da violência verbal. Signo 42(73): 86-97.
- Dionísio, A. P.; Vasconcelos, L. J. 2013. Multimodalidade, gênero textual e leitura. In Múltiplas linguagens para o ensino médio (19-40). São Paulo: Parábola Editorial.
- Goffman, E. (1967) 2011. Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis: Vozes, 2011.
- Kerbrat-Orecchioni, C. (1996) 2006. Análise da conversação: princípios e métodos. São Paulo: Parábola Editorial.

- Lopes, A. C. M. 2018. Pragmática: uma introdução. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Marcuschi, L. A. 2003. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In Gêneros Textuais e Ensino (2 ed., 19-39). Rio de Janeiro: Lucerna.
- Silva, L. A. 2013. Descortesia e (des)construção da imagem pública. In Comunicação na fala e na escrita (93-119). São Paulo: Humanitas.
- Xavier, A. C. 2002. O hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital. Tese de doutoramento, Universidade Estadual de Campinas.